

A INFLUÊNCIA DAS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS NO DESEMPENHO DOS PARTICIPANTES DO ENEM NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Silva A.P.¹, Reid T.L.S.², Ney M.G.³

¹UENF/Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico, aldinhaps@yahoo.com.br

²UENF/Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico, taty_reid@hotmail.com

³UENF/Laboratório de Estudo do Espaço Antrópico, marlongomes@hotmail.com

Resumo - O Brasil possui profundas desigualdades sociais e a evolução histórica mostra que elas têm causas múltiplas. No entanto, reduzir as disparidades de rendimentos passa pela educação, pois é a variável de maior efeito na conformação da renda. A base de dados contará com microdados do ENEM 2007, onde utilizaremos o resultado da prova objetiva e do questionário socioeconômico. Os resultados mostram que das famílias com renda entre 1 e 2 Salários Mínimos (S.M.), 7,5% conseguiram o melhor desempenho enquanto que famílias com renda entre 5 e 10 S.M., 42,8% tiveram desempenho de bom a excelente. Os dados demonstram uma diferença relevante entre alunos de baixa e alta renda, pois quanto maior for o volume de capital econômico e cultural detido por uma pessoa maior é a chance de possuir bom desempenho. Não é objetivo do trabalho demonstrar que alunos de baixa renda nunca poderão galgar melhores condições, mas sim apontar a heterogeneidade existente no meio educacional, que não é só alta como tende a gerar disparidades de renda entre indivíduos.

Palavras-chave: Desigualdade de Oportunidade, Educação, Renda, Família.

Área do Conhecimento: Sociologia

Introdução

O Brasil é um país com profundas desigualdades sociais, ela é tão elevada que a parcela apropriada pelos 1% mais ricos é quase a mesma recebida pela metade mais pobre da população, 13,3%.

A evolução histórica demonstra que a origem das desigualdades são múltiplas. No entanto, a forma como vem sendo processada ao longo da história faz encarar-la como algo natural, gerando uma relação mascarada das relações no qual não se percebe suas causas políticas e ideológicas (Henriques 2001).

Para autores como Viera e Ramos (2000), parece inescapável a conclusão de que a tarefa de reduzir a disparidade de renda passa pela implantação de políticas a favor da diminuição das desigualdades educacionais, seja para

propiciar maior igualdade de oportunidades no acesso à escola, ou de prover mais incentivos para reter os jovens pobres nas escolas. Para Langoni (1973), a variável escolaridade é a que apresenta maior efeito na conformação da renda.

A disparidade de rendimentos causada pela educação advém das diferenças entre os atributos produtivos de cada indivíduo, os quais são gerados na fase em que se acumula o capital humano, ou seja, na infância e na adolescência.

Metodologia

O trabalho utilizará como base os microdados do ENEM 2007 referente ao estado do Rio de Janeiro. Segundo o INEP, o principal objetivo do ENEM é avaliar o

desempenho do aluno ao término da escolaridade básica.

A prova do ENEM da edição de 2007 contempla 63 questões de múltipla escolha e uma prova de redação, e anexo à prova também se aplica aos alunos um questionário socioeconômico. O questionário aplicado visa três objetivos principais: obter as informações socioeconômicas e profissionais dos alunos e de sua família, conhecer sua avaliação sobre seus estudos no ensino médio, e conhecer suas opiniões sobre assuntos gerais, interesses e planos para o futuro.

Entendemos que a variável a ser utilizada em nosso trabalho é o resultado da prova objetiva, pois ela abrange todo o conteúdo da escolaridade e ainda é corrigida por meio de processo automatizado de leitura ótica de cartão resposta, estando menos sujeita às interferências de quem as corrige. Não usaremos as notas da prova da redação, pois ela abrange apenas um tema.

Entretanto, por mais que a prova do ENEM tente abranger todo conteúdo do ciclo básico, ela contém algumas limitações, pois numa prova de múltipla escolha sempre tem o fator “chute”, ou seja, respostas são dadas através de uma simples escolha aleatória. E o chamado viés probabilístico pode superestimar os dados.

Mas acreditamos que, mesmo com essas limitações, os dados podem fornecer bons indicadores de até que ponto as influências socioeconômicas tendem a influenciar o desempenho escolar num país com profundas desigualdades de oportunidade. Como a participação do aluno, no ENEM, é voluntária e o bom desempenho nas avaliações pode premiar as pessoas de baixa renda ao acesso em instituições privadas de ensino (através do ProUni) e estudantes de qualquer nível de renda com a aprovação no vestibular, parece razoável deduzir que quem fez a prova teve o intuito de dar o melhor de si para obter bom desempenho. Nesse sentido, os resultados do exame podem ser vistos como uma medida

confiável das competências e habilidades adquiridas por quem já concluiu ou está preste a concluir a educação básica e deseja ingressar no ensino superior.

Resultados

A educação adquirida por cada indivíduo é influenciada por diversos fatores, sejam eles de ordem familiar, sejam por fatores relacionados à baixa qualidade da educação oferecida pela escola que frequenta. Para BARROS *et al.* (2001), crianças que têm pais com baixa escolaridade e nível renda possuem grandes chances de se tornarem adultos com pouca escolaridade. Como a escolaridade é também um fator importante na determinação da renda, a desigualdade de oportunidade educacional criaria um forte mecanismo de transmissão intergeracional da pobreza.

A análise do gráfico 1 demonstra que quanto maior a renda familiar do estudante melhor é o seu desempenho no ENEM. Verificamos que, entre famílias com renda entre 1 e 2 Salários Mínimos (S.M.) cerca de 30% dos estudantes tiveram um desempenho de insuficiente a regular e apenas 7,5% conseguiram o melhor desempenho (bom a excelente). Nesta faixa de rendimento, cerca de 62%, dos estudantes conseguem notas de regular a bom.

Há um contraste notável quando comparado com as notas dos estudantes com renda familiar entre 5 e 10 S.M., na qual 9,5% tiraram notas de insuficiente a regular. E 41,8% tiveram um desempenho de bom a excelente. Os resultados, respectivamente, comprovam o oposto a famílias de baixa renda que chega a 4,8% (até 1 S.M. de renda mensal).

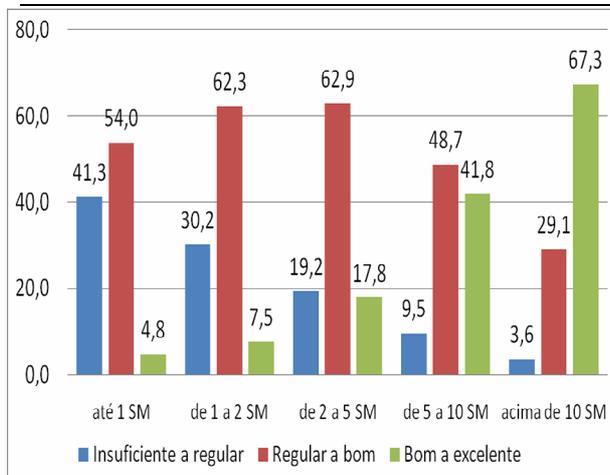


Gráfico 1- Distribuição percentual dos participantes, segundo o nível de renda familiar em salários mínimos (SM) e conceito na prova objetiva. ENEM, RJ, 2007.

O gráfico 2 revela que quanto maior o nível de escolaridade da mãe melhor é o desempenho do estudante, mostrando uma forte correlação entre a escolaridade da mãe e o desempenho de seus filhos. As notas dos alunos com mães com baixa escolaridade, 8ª Série do Fundamental, são bem mais baixas quando comparadas com as que possuem o Ensino Superior Completo.

Menos de 10% dos estudantes com mães com escolaridade até 8ª série do Fundamental conseguiram desempenho de bom a excelente, enquanto os que possuem mães com ensino superior completo chegam a 70%. Já as notas de insuficiente a regular caem de 27,8% (mães com escolaridade até 8ª série do Fundamental), para 3,8% (mães com ensino superior completo).

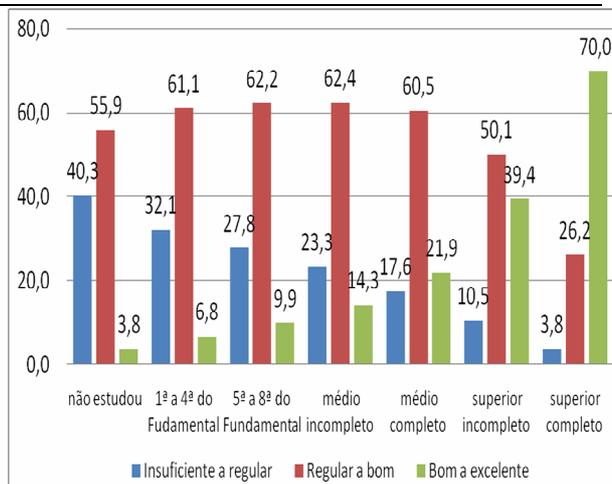


Gráfico 2- Distribuição percentual dos participantes, segundo o nível de escolaridade da mãe e o conceito na prova objetiva. ENEM, RJ, 2007.

No gráfico 3 podemos observar a relação desigual de desempenho entre alunos que trabalharam e os que não mantiveram vínculo empregatício. O gráfico demonstra que cerca de 13,8% dos estudantes que não trabalharam tiveram desempenho de bom a excelente. Já este mesmo percentual diminuiu para cerca de 7%, quanto aos alunos que trabalharam todo o tempo.

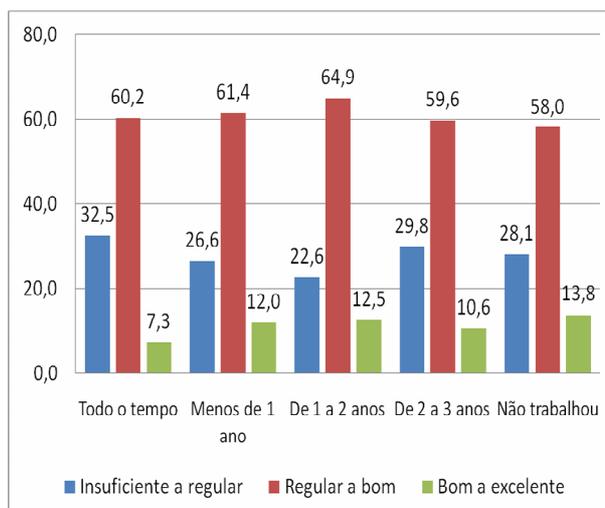


Gráfico 3- Distribuição percentual entre conceito dos estudantes prova objetiva e tempo de trabalho, ENEM, RJ, 2007.

Discussão

Os resultados demonstram uma diferença significativa entre alunos de baixa e alta renda. De acordo com estimativas de Barros *et al.* (2001), um ano a mais na escolaridade dos pais tende a elevar a escolaridade dos filhos em torno de 0,3 ano de estudo, o que daria um acréscimo de R\$ 340,00 na renda *per capita*.

Como nem todo jovem se beneficia da mesma forma da expansão do ensino, ele também pode aumentar a desigualdade na qualidade da mão-de-obra que ingressa no mercado de trabalho e, dada relação entre educação e renda, produzir futuras desigualdades de rendimentos.

Além das diferenças de níveis de escolaridade, é possível identificar outra razão para o alto poder explicativo da educação na desigualdade de rendimentos: a desigualdade na qualidade da educação adquirida. A má qualidade da formação básica de alunos de baixa renda dificulta sua entrada nas instituições de ensino superior e as disputas com alunos de renda alta, principalmente em cursos mais concorridos e que formam profissionais mais valorizados no mercado de trabalho.

Lahire (1997), em seu estudo sobre o sucesso escolar nos meios populares, privilegiou os traços pertinentes à leitura sociológica como: as formas familiares da cultura escrita, as formas de autoridade familiar e as formas familiares de investimento pedagógico para analisar a influência familiar na vida estudantil de um indivíduo. Para autor, a familiaridade com a leitura pode conduzir a práticas que serão de grande importância quando a criança atingir a idade escolar. Quando a criança conhece, ainda que oralmente, histórias escritas, ela capitaliza, através da interação familiar, estruturas textuais que poderão ser utilizadas futuramente em suas leituras e produções escritas. O fato de ver os pais manuseando livros ou jornais

também é positivo, já que pode conferir ao ato da leitura um aspecto natural para a criança que está em processo de formação social.

Para Bourdieu (1998) a escola apresenta como uma de suas funções a reprodução social, já que exclui ou seleciona as culturas e decide o tipo de conhecimento a ser impresso nos alunos. Desenvolvem melhor as suas competências, então, os indivíduos que estão mais habituados às regras estabelecidas pela cultura escolar, baseada nas relações de escrita, disciplina e regularidade. Os efeitos sobre a escolaridade de um indivíduo variam segundo a capacidade familiar de proporcionar meios que facilitem a realização dos objetivos que lhe são fixados. Portanto, quanto maior for o volume de capital econômico e cultural detido por uma pessoa, maior é sua chance de possuir um bom desempenho escolar, desencadeando desigualdades entre alunos de baixa e alta renda, aumentando ainda mais o abismo educacional.

Conclusão

As conclusões apresentadas são resultados do presente momento da pesquisa. Não é objetivo do trabalho demonstrar que alunos de baixa de renda nunca poderão galgar melhores condições socioeconômicas, mas sim apontar a heterogeneidade existente no meio educacional brasileiro.

Tendo em vista que esta heterogeneidade educacional no Brasil é alta e tende a gerar disparidades de renda entre indivíduos, a educação é, sem dúvida, um dos principais fatores responsáveis pela elevada concentração da renda no país. O problema é que as condições socioeconômicas familiares de origem ainda exercem forte influência sobre a qualidade da educação básica, tendendo a reproduzir a heterogeneidade educacional e, por conseguinte, desigualdades de rendimentos.

Torna-se imprescindível à elaboração de políticas públicas que garantam a qualidade do ensino básico nas instituições públicas e que minimizem os fracassos escolares vistos sob a forma de repetentes e evadidos.

Referências

- BARROS, R.P., HENRIQUES, R., MENDONÇA, R. *Pelo fim das décadas perdidas: educação e desenvolvimento sustentado no Brasil*. Rio de Janeiro, Ipea, 2002 (Texto para discussão nº 857).
- BARROS, R.P., MENDONÇA, R. Geração e reprodução da desigualdade de renda no Brasil. *Perspectiva da economia brasileira - 1994*. Rio de Janeiro, Ipea, 1993.
- _____. *O impacto da gestão escolar sobre o desempenho educacional*. Washington, BID, 1997.
- BARROS, R.P., MENDONÇA, R. *Os determinantes da desigualdade no Brasil*. Texto para discussão nº 377, Rio de Janeiro, Julho de 1995.
- BARROS, R.P., MENDONÇA, R., SANTOS, D.D., QUINTAES, G. *Determinantes do desempenho educacional no Brasil*. Rio de Janeiro, Ipea, 2001 (Texto para discussão nº 834).
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas simbólicas*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. 361 p. (Coleção estudos, 20).
- FERREIRA, F.H.G. Os determinantes da desigualdade de renda no Brasil: luta de classes ou heterogeneidade educacional? In: HENRIQUES, R. (org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro, Ipea, 2000.
- HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: Evolução das condições de vida na década de 90*. Texto para discussão nº807. IPEA/2001.
- MENEZES-FILHO, N.A. Educação e desigualdade. In: LISBOA, M.B., MENEZES-FILHO, N.A. *Microeconomia e Sociedade no Brasil*. São Paulo, FGV, 2001.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo Demográfico 2000: documentação dos microdados da amostra*. Novembro de 2002.
- LAHIRE, B. *Sucesso Escolar os meios populares: As razões do improvável*. Ed. Ática: São Paulo, 1997.
- LANGONI, C.G. *Distribuição da renda e desenvolvimento econômico do Brasil*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.
- MEC/INEP/DEAES. *Resultados do ENEM 2007: análise do perfil socioeconômico e do desempenho dos participantes*. Brasília, MEC/INEP, 2008.
- _____. *Microdados do ENEM 2007*. Brasília, MEC/INEP, 2008.
- _____. *Sinopse estatística: censo escolar da educação básica*. Brasília, MEC/INEP, 2007c.
- NEY, M.G. Educação e desigualdade de renda no meio rural brasileiro. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp, Campinas, 2006.
- NEY, M.G., HOFFMANN, R. Desigualdade de renda na agricultura: o efeito da posse da terra. *Economia*, Niterói, v. 4, n. 1, jan./jun. de 2003a.
- _____. Origem familiar e desigualdade de renda na agricultura. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 3, dezembro de 2003b.
- RAMOS, L., VIEIRA, M. Determinantes da desigualdade de rendimentos no Brasil nos anos 90: discriminação, segmentação e heterogeneidade dos trabalhadores. In: HENRIQUES, R. (org.). *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro, Ipea, 2000.
- _____. *Desigualdade de rendimentos no Brasil nas décadas de 80 e 90: evolução e principais determinantes*. Rio de Janeiro, Ipea, 2001 (Texto para Discussão, nº 803).